

1

Todos em Shaker Heights falaram do assunto nesse verão: de como Isabelle, a filha mais nova dos Richardsons, acabara por enlouquecer e incendiara a casa da família. Durante a primavera, os rumores tinham girado em torno da pequena Mirabelle McCullough — ou, dependendo de que lado se estava, de May Ling Chow —, e agora surgia por fim uma outra notícia sensacionalista para discutir. Pouco depois do meio-dia nesse sábado de maio, os clientes que empurravam os seus carrinhos de compras no Heinen's, ouviram as sirenes dos carros de bombeiros a tocar e a seguir velozmente na direção do lago dos patos. Quinze minutos depois, já estavam quatro estacionados numa fila vermelha desordenada ao longo da Parkland Drive, onde ardiavam os seis quartos da casa da família Richardson, e todos num raio de quase um quilómetro conseguiam ver o fumo que se elevava acima das árvores como uma nuvem escura e densa de tempestade. Mais tarde, as pessoas comentaram que os sinais já estavam lá: que Izzy era um pouco lunática, que sempre houvera qualquer coisa de *estranho* na família Richardson, que assim que ouviram as sirenes nessa manhã *souberam* que acontecera alguma coisa terrível. Claro que, nessa altura, Izzy já desaparecera há muito, sem deixar ninguém que a defendesse, e as pessoas podiam dizer — e diziam — tudo o que queriam. No entanto, quando os carros de bombeiros chegaram, e durante bastante tempo depois, ninguém sabia o que estava a acontecer. Os vizinhos amontoavam-se o mais perto possível da barreira improvisada — um carro-patrolha, atravessado a poucas centenas de metros — e viam os bombeiros desen-

rolar as mangueiras com os rostos sombrios de homens que sabiam reconhecer uma causa perdida. Do outro lado da rua, os gansos mergulhavam as cabeças no lago à procura de algas, absolutamente indiferentes a todo o tumulto.

A Sra. Richardson estava parada entre as árvores, apertando o seu roupão azul junto ao pescoço. Embora já passasse do meio-dia, ainda estava a dormir quando os detetores de fumo dispararam. Deitara-se tarde e deixara-se dormir de propósito, dizendo para si mesma que merecia, depois de um dia tão difícil. Na noite anterior, de uma janela do primeiro andar, vira um carro parar finalmente em frente da casa. O caminho de acesso era longo e circular, um arco fundo em forma de ferradura do passeio até à porta de entrada e de novo até ao passeio — de modo que a rua ficava a uns bons trinta metros, demasiado longe para ela ver com nitidez, e, mesmo em maio, às oito horas já era quase noite. Mas reconhecera o pequeno *Volkswagen* bege da sua inquilina, Mia, com os faróis da frente acesos. Do lado do passageiro saíra uma figura magra, que deixou a porta entreaberta: Pearl, a filha adolescente de Mia. A luz do teto iluminava o interior do carro como se fosse uma caixa de sombras, mas o carro estava carregado de malas quase até cima, e a Sra. Richardson só conseguira distinguir a custo a silhueta ténue da cabeça de Mia, com o seu coque semidesfeito no cima. Pearl debruçara-se sobre a caixa de correio, e a Sra. Richardson imaginara o leve rangido da porta a ser aberta e depois novamente fechada. A seguir, Pearl voltara a entrar no carro e fechara a porta. As luzes vermelhas do travão piscaram, depois apagaram-se, e o carro mergulhara na noite cada vez mais escura. Com um sentimento de alívio, a Sra. Richardson fora até à caixa de correio e descobrira um molho de chaves preso a uma simples argola, sem qualquer mensagem. Tencionava ir no dia seguinte à Winslow Road verificar a casa arrendada, embora já soubesse que as duas se tinham ido definitivamente embora.

Fora por causa disso que se deixara dormir até mais tarde, e agora era meio-dia e meia, e ela estava parada entre as árvores, de roupão e com um par de ténis do seu filho Trip, a ver a sua casa a ser inteiramente destruída pelas chamas. Assim que o guincho estridente do detetor de fumo a acordou, correrá de quarto em quarto à procura dele, de Lexie, de Moody. Ocorreu-lhe entretanto que não

procurara por Izzy, como se já soubesse que a culpa era da filha. Todos os quartos estavam vazios, com exceção do cheiro a gasolina e de uma pequena fogueira crepitante que ardia precisamente no meio de cada cama, como se uma escuteira louca tivesse acampado ali. Quando acabou de verificar todas as salas e a cozinha, o fumo começava já a espalhar-se, e ela correria finalmente para a rua, a tempo de ouvir as sirenes que se aproximavam, chamadas pelo sistema de segurança da casa. Pelo caminho, vira que o jipe de Trip desaparecera, assim como como o *Explorer* de Lexie, a bicicleta de Moody e, claro, a carrinha do seu marido. Ele costumava ir para o escritório aos sábados de manhã, para tentar pôr o trabalho em dia. Alguém teria de lhe ligar. Lembrou-se então de que Lexie, graças a Deus, passara a noite em casa de Serena Wong. Perguntou-se para onde teria ido Izzy. Perguntou-se onde estariam os seus filhos e como os encontraria para lhes contar o que se passara.

*

Quando conseguiram finalmente apagar o fogo, a casa não ardera por completo, apesar dos receios iniciais da Sra. Richardson. As janelas tinham desaparecido, mas as paredes de tijolo da casa continuavam de pé, húmidas, enegrecidas e fumegantes, assim como a maior parte do telhado preto, cujas telhas de ardósia reluziam como escamas de peixe sob o efeito da água das mangueiras. Os Richards continuariam impedidos de entrar por mais uns dias, até os peritos do corpo de bombeiros acabarem de testar todas as vigas que continuavam de pé, mas, mesmo de entre as árvores — o mais perto que a fita de aviso amarela lhes permitia chegar —, conseguiam perceber que havia pouco no interior que pudessem salvar.

“Meu Deus”, disse Lexie. Estava sentada em cima do tejadilho do seu carro, que estava agora estacionado do outro lado da rua, no relvado junto ao lago dos patos. Ela e Serena ainda estavam a dormir, enroscadas de costas uma para a outra na enorme cama da amiga, quando o Dr. Wong lhe sacudiu o ombro pouco depois da uma, murmurando: “Lexie. Lexie, querida. Acorda. A tua mãe acabou de telefonar.” As raparigas tinham ficado acordadas até depois das duas da manhã, a falar — como acontecera ao longo de toda a

primavera — sobre a pequena Mirabelle McCullough, discutindo se o juiz tinha decidido bem ou mal, se os novos pais dela deviam ter obtido a guarda única ou se ela devia ter sido devolvida à própria mãe. “O verdadeiro nome dela nem sequer é Mirabelle McCullough, pelo amor de Deus”, dissera por fim Serena, e tinham mergulhado num silêncio taciturno e incómodo até ambas adormecerem.

Lexie via agora as nuvens de fumo que saíam da janela do seu quarto com vista para o relvado, e pensava em tudo o que desaparecera no seu interior. Cada uma das *t-shirts* na sua cómoda, cada um dos pares de calças de ganga no seu guarda-roupa. Todos os bilhetes que Serena lhe escrevera desde o sexto ano, ainda amarrotados em bolas de papel, que ela guardara numa caixa de sapatos debaixo da cama; a própria cama, com os lençóis e o edredão inteiramente carbonizados. A bracelete de rosas que Brian, o seu namorado, lhe oferecera no último baile e que ficara pendurada no toucador a secar, com as pétalas a passarem de um vermelho-vivo para um vermelho mais escuro, cor de sangue seco. Agora não passava de cinzas. Vestida com a muda de roupa que levara para casa de Serena, Lexie apercebeu-se subitamente de que tinha mais sorte do que o resto da família: no banco de trás do carro tinha um saco de viagem com um par de calças de ganga e uma escova de dentes. Um pijama. Olhou para os irmãos, e depois para a mãe, ainda de roupão no meio do relvado, e pensou: *Só têm literalmente a roupa que trazem vestida. Literalmente* era uma das palavras preferidas de Lexie, que ela utilizava mesmo quando a situação não era nada literal. Neste caso, por uma vez, era mais ou menos verdade.

Trip, sentado ao lado da irmã, passou distraidamente os dedos pelo cabelo. Com o Sol no seu auge, o suor deixava-lhe os caracóis maliciosamente levantados. Estava a jogar basquetebol no centro comunitário quando ouviu as sirenes dos carros de bombeiros, mas não lhes prestara grande atenção. (Estava particularmente preocupado nessa manhã, mas, de qualquer modo, também não teria reparado.) Só regressara a casa no seu carro por volta da uma, quando todos começaram a sentir fome e decidiram dar por terminado o jogo. Mas, mesmo com as janelas do carro abertas, não vira a enorme nuvem de fumo que avançava na sua direção, e só começou a perceber que havia um problema quando deu com a sua rua bloqueada por um

carro de polícia. Depois de dez minutos de explicações, fora finalmente autorizado a estacionar o jipe em frente da casa, no mesmo lugar em que Lexie e Moody já estavam à espera. Sentaram-se os três no tejadilho do carro por ordem, como haviam feito para todos os retratos de família que tinham estado pendurados nas escadas e que se encontravam agora reduzidos a cinzas. Lexie, Trip, Moody: respetivamente, no último ano, no décimo primeiro e no décimo ano. Ao seu lado, sentiam o vazio deixado por Izzy, a caloiira da família, a ovelha negra, o elemento imprevisível —, embora ainda tivessem a certeza, todos eles, de que esse vazio seria temporário.

“O que lhe terá passado pela cabeça?”, murmurou Moody; e Lexie disse: “Até *ela* sabe que foi demasiado longe desta vez, por isso é que fugiu. Quando regressar, a mãe vai matá-la.”

“Onde é que vamos viver?”, perguntou Trip. Seguiu-se um momento de silêncio, enquanto refletiam sobre a sua situação.

“Provavelmente vamos arranjar um quarto de hotel ou qualquer coisa do género”, disse por fim Lexie. “Acho que foi o que a família do Josh Trammell fez.” Todos conheciam a história: há uns anos, Josh Trammell, um aluno do décimo ano, adormecera com uma vela acesa e fizera arder a casa dos pais. Na escola acreditou-se durante muito tempo que não tinha sido uma vela acesa, mas um charro, só que a casa ficara tão completamente destruída que não havia maneira de confirmar, e Josh mantivera a sua versão da vela. Todos continuavam a referir-se a ele como *aquele atleta idiota que fizera arder a casa*, ainda que o incidente tivesse acontecido há muito tempo e Josh se tivesse licenciado recentemente com distinção na Ohio State University. Claro que o incêndio de Josh Trammell deixaria agora de ser o incêndio mais famoso de Shaker Heights.

“Um quarto de hotel? Para nós todos?”

“Seja o que for. Dois quartos. Ou então ficamos no Embassy Suites. Não sei.” Lexie tamborilou no joelho. Queria um cigarro, mas, depois do que acontecera — e ainda por cima à vista da mãe e de dez bombeiros —, não se atrevia a acender um. “De certeza que a mãe e o pai vão arranjar uma solução. E depois o seguro paga-lhes.” Embora ela só tivesse uma vaga noção de como funcionavam os seguros, parecia-lhe plausível. De qualquer modo, era um problema a ser resolvido pelos adultos, não por eles.